

A CATEGORIA LOCATIVO NA LÍNGUA SHANENAWA-PANO

Gláucia Vieira Cândido (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS)

O caso locativo, como o próprio termo indica, diz respeito à função de localização espacial ou temporal exercida por um sintagma nominal em uma sentença. Na presente comunicação, faremos uma breve descrição da localização espacial em Shanenawa, uma língua indígena pertencente à família Pano que é falada por cerca de 450 pessoas habitantes de quatro aldeias situadas às margens do Rio Envira, no Município de Feijó, Estado do Acre, Brasil. Nesse idioma, considerado de morfologia aglutinante, a localização espacial, dependendo de algumas distinções semânticas, pode ser indicada no sintagma nominal pelos seguintes sufixos -ani, -anu, -kiri, -nia e -mera. As formas -ani e -anu marcam o locativo direcional. Enquanto o primeiro é afixado ao sintagma nominal que indica o destino da direção tomada pelo falante, o segundo é adicionado ao sintagma nominal que traduz a origem espacial dessa direção. O sufixo -kiri, por sua vez, aparece como uma alternativa para marcar tanto o locativo de origem quanto o de destino com algumas restrições. Quando, porém, o objetivo é que um sintagma nominal expresse metaforicamente uma função espaço-temporal, utiliza-se o sufixo -nia. Finalmente, o morfema -mera indica o caso locativo em um sintagma nominal que figura como o espaço onde outra entidade ou ação referida na sentença pode ser/estar localizada/realizada.

A INTERFACE FONOLOGIA/MORFOLOGIA NO PYKOBJÊ: A SÍLABA VC COMO PREFIXO

Rosane de Sá Amado (USP)

O Pykobjê, língua do complexo Timbira, família Jê, apresenta os seguintes padrões silábicos: CV, CVC, CCV, CCVC, exemplificados por ku ('água'), tep ('peixe'), kre ('ovo') e krow ('buriti'). Também se encontra o padrão VC, mas somente em início de palavra, o que é considerado um efeito de borda, como ilustra aw.ja.hi ('caçada'). Além desses, postula-se, na subjacência, uma sílaba V, também em início de palavra, que se realiza como V:, como se atesta em a:.kot ('morro'). Este trabalho tem por objetivo analisar as ocorrências da sílaba VC nessa língua timbira, já que evidências têm apontado para a correspondência dessa sílaba com prefixos de flexão e de formação de palavras. Foram encontrados até o presente estudo dois tipos de prefixos que se apresentam sob a forma de sílaba VC: os prefixos pessoais de 1ª e de 3ª pessoa -ej-to ('meu olho') e eh-to ('olho dele') e prefixos generalizadores -ah-hu ('folha qualquer') e aw-japru ('fazer compras'). Este segundo caso é também analisado como um possível fenômeno de incorporação por composição lexical, sendo comparado com fenômenos semelhantes encontrados em outras línguas timbira, como o Apinajê.

DICIONARIZAÇÃO DA LÍNGUA KARO

Nilson Gabas Júnior

Neste trabalho pretendemos apresentar o processo de elaboração de um dicionário bilingue Karo-Português, os problemas enfrentados durante esse processo, e as soluções encontradas. O Karo é uma língua indígena da família Ramaráma, tronco Tupí, falada por cerca de 150 índios arara, na região centro-leste de Rondônia. Apesar de não possuir uma morfologia com elevado grau de complexidade, o Karo possui um grande número de alternâncias fonológicas (processos morf fonêmicos), alterações de supleção (suppletion) nas pessoas do plural em raízes de verbos intransitivos, e derivação zero em raízes

de adjetivo (que derivam verbo intransitivo), que podem ser complicadores na elaboração de um dicionário. Outras questões a serem abordadas são: a) o tipo de escrita a ser utilizada (fonêmica ou ortográfica); b) a fonte a ser utilizada para as entradas lexicais; c) os softwares a serem utilizados - tanto o de base de dados, quanto o de formatação do dicionário. Em nosso trabalho, apresentaremos as soluções para esses problemas, assim como a organização final do formato do dicionário, incluindo as categorias (classes) de palavras envolvidas, e a caracterização morfológica e semântica dessas categorias lexicais, quando aplicável.

ESTUDO COMPARATIVO DO SISTEMA DE PESSOA EM XIPAYA E JURUNA (TUPÍ)

Cristina Martins Fargetti (UNIMEP), Carmen Lúcia Reis Rodrigues (UFPA)

Apresentaremos neste trabalho um estudo comparativo do sistema de pessoa em Xipaya e Juruna - línguas da família Juruna, do grupo Tupí. Serão apresentados os paradigmas das formas usadas para representar o sistema de pessoa, nas duas línguas, nas funções de sujeito, objeto e possuidor. Para essa pesquisa serão considerados os dados da língua Xipaya coletados a partir de 1988, os dados da língua Juruna coletados a partir de 1989 e os corpora das duas línguas transcritos por Curt Nimuendaju na primeira metade do século XX.

QUE LÍNGUA “GERAL” FALAVAM OS “BRASILEIROS”?

Aline da Cruz (USP)

Nos séculos XVII e XVIII, a população colonial “brasileira” falava, além de suas línguas maternas, línguas de origem tupi-guarani que permitiam o contato entre os diversos povos 3/4 as chamadas “línguas gerais”. Segundo Rodrigues (1996), a variedade de “língua geral” falada no norte do país era diferente da paulista, que pelo movimento bandeirante se expandiu por Minas Gerais, sul de Goiás, Mato Grosso e norte do Paraná.

As duas variedades de “línguas gerais” foram documentadas por autores anônimos no século XVIII, do que resultou o Dicionário da Língua geral Brasilica: português e alemão sobre a variedade do norte, conhecida como tupinambá, e o Dicionário de Verbos: português tupi-austral e alemão, único registro da língua geral paulista. Ambos foram publicados em 1863 por Karl Friedrich Philipp von Martius (1794 - 1868) nos Glossaria Linguarum Brasiliensium (Martius 1863), compilação de glossários de línguas indígenas organizada no século XIX.

A partir das versões incorporadas à obra de Martius, farei o levantamento e análise dos verbos nos dois dicionários, a fim de distinguir diferenças entre as variedades de línguas gerais registradas, como é caso do apagamento sistemático do “r” final na variedade paulista, das diferenças resultantes do modo de descrição, ou seja, das decisões de recorte morfossintático dos dicionaristas. Assim, o registro do verbo “lembrar-se” como “jemaenduâr” [pronom+verbo] no dicionário de tupinambá, em oposição à “mandúá” [verbo] no de língua geral paulista indica critérios diferentes no modo de descrição.